

O TEXTO VERBO-VISUAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: A LEITURA E A PRODUÇÃO DE SENTIDO

Cíntia Daniele Oliveira do Nascimento (UFRN) ¹

cintia_danielee@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN) ²

penhalves@msn.com

INTRODUÇÃO

O trabalho sistematizado com os textos verbo-visuais não é uma prática frequente na sala de aula, pois a leitura de tais textos requer uma interpretação que demanda tempo e conhecimento mais específico por parte dos professores. Dessa forma, ler os textos verbo-visuais é um desafio a ser enfrentado nas salas de aula das mais diversas áreas do conhecimento, pois as imagens “invadem” todos os espaços da nossa vida de modo rápido e dominador.

Os textos verbo-visuais estão presentes na maioria dos livros didáticos e são atrativos para os alunos, pois apresentam cores variadas e sofisticados recursos visuais, elementos exigidos pelos leitores contemporâneos; a linguagem adapta-se, portanto, às características da atualidade mundial.

Neste trabalho, o objetivo é analisar as propostas de leitura de textos verbo-visuais presentes em alguns capítulos do livro didático “Geografia geral do Brasil, volume 2: espaço geográfico e globalização: ensino médio”. Percebe-se no Livro Didático de Geografia uma grande quantidade de textos verbo-visuais, pois estes são fundamentais para a compreensão dos conceitos da disciplina.

Para subsidiar a discussão a respeito da natureza dialógica da linguagem, utilizaremos as reflexões de Bakhtin (2003, 2010), além disso, faremos uso dos pressupostos teóricos-metodológicos de Vieira (2007) para a abordagem do texto verbo-visual a fim de redimensionar sua concepção, leitura e especificidades.

O estudo dos textos verbo-visuais é relativamente recente nos estudos da linguagem, e está relacionado a diversos conceitos, por se tratar de um campo muito vasto, como por exemplo, à definição de gêneros discursivos, que abrange os textos que utilizamos diariamente como meio de comunicação, sejam textos escritos, orais ou verbo-visuais. Desse modo, nos apropriamos da definição de gênero discursivo proposta por Bakhtin (2003), que o

¹ Bolsista da iniciação científica do projeto de pesquisa “As concepções de leitura e de escrita em livros didáticos da educação básica”

² Professora adjunta do departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em estudos da Linguagem

define como tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos em todos os campos da atividade humana e que estão inteiramente ligados ao uso da linguagem.

A noção de gêneros discursivos serve como uma unidade de classificação de tipos de textos, “assim como as pessoas podem ser reunidas em linhagens por consanguinidade, o mesmo se pode fazer com os textos que têm certas características ou propriedades comuns” (Faraco, 2009, p. 123). Bakhtin apresenta a linguagem como uma atividade sociointeracional, havendo uma estreita relação entre os tipos de enunciados (gêneros) e suas funções na interação sócio-verbal, para ele, todas as formas de atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem.

Este trabalho é um recorte de um projeto de pesquisa maior “Ler e escrever no livro didático: que saberes são solicitados” e se insere na área da Linguística Aplicada, que toma a linguagem em diversos contextos como foco de suas pesquisas e da produção de conhecimento.

1 O LIVRO DIDÁTICO

Os livros didáticos das mais diversas áreas do conhecimento apresentam atividades que contribuem para a formação do aluno leitor, diante disso, o estudante de ensino médio articula a leitura de diversos textos, verbais e verbo-visuais, no intuito de assumir um posicionamento ético diante da realidade. Em se tratando de um livro didático de Geografia, há uma grande quantidade de mapas temáticos, tabelas, cartas, plantas, e diversos tipos de gráficos; para a compreensão desses textos, é necessário que os alunos tenham a compreensão de diferentes linguagens. A Geografia como disciplina escolar prepara o aluno para a leitura e a compreensão do espaço geográfico, entendido como construção histórico-social fruto das relações estabelecidas entre a sociedade e a natureza, e o livro didático tem papel importante nesse processo.

Com a aparição dos livros didáticos nas escolas, criou-se uma ideia de que ele supriria todas as falhas do ensino, pois os conhecimentos a serem desenvolvidos em sala de aula já estariam selecionados, sendo um facilitador para o professor elaborar aulas mais produtivas, significativas e competentes. A ideia de que o livro didático supre todas estas falhas do ensino é errônea, pois mesmo tendo o suporte deste recurso, o professor ainda enfrenta dificuldades para trabalhar determinados conteúdos, principalmente o ensino de textos com imagens.

O uso do livro didático tem sido considerado polêmico, uma vez que são levantados problemas relacionados ao conteúdo adotado, à ausência de um professor autor-criador das suas aulas, por considerar o objeto em questão um suporte definitivo e único a ser seguido. Bunzen, em seu artigo “O Livro Didático de Português como Gênero do Discurso: Implicações Teóricas e Metodológicas” afirma que

O LDP foi de fato compreendido como o grande vilão, uma vez que apresentava conteúdos e metodologias de ensino compreendidos como

tradicionais pela ciência moderna, e, quase não abriam espaço enunciativo para divulgar as ideias dos vários campos da Linguística.

A partir das leituras do autor, podemos entender que tanto o trabalho do autor do livro didático, como o do professor das mais diversas disciplinas, não consiste apenas reproduzir/transpor as teorias acadêmicas, mas agir sobre elas, modificando-as.

Por ser um instrumento tradicionalmente utilizado pela escola e necessário em diversos campos do conhecimento, estamos diante de um objeto de investigação multifacetado. O livro didático de Língua Portuguesa é visto por Signorini (apud Bunzen, 2005) como um objeto complexo; tal complexidade não deve ser confundida com “dificuldade” ou “complicação”, mas como um desafio para se ter um uso adequado e eficiente do livro didático; além disso, a complexidade não se restringe apenas aos livros didáticos de Língua Portuguesa, todas as áreas do conhecimentos possuem aspectos complexos que precisam ser repensados.

A multiplicidade de objetivos do livro didático é reflexo das diversas funções sociais que ele exerce na vida dos indivíduos de uma determinada comunidade. Estamos diante de um objeto de estudo que passa por um processo de elaboração complexo, em que cada etapa vencida é seguida de outra, havendo novos obstáculos e desafios.

1.1 A LEITURA DO TEXTO VERBO-VISUAL

Tomando como base a concepção dialógica da linguagem, segundo a qual a língua é o modo que temos de agir sobre o outro no meio social, é que nós pensamos acerca das atividades de leitura presentes nos mais diversos livros didáticos. A linguagem é, portanto, o modo do sujeito se constituir em meio às relações sociais em que ele estará inserido. Para que isso seja levado adiante é que se faz necessário o trabalho constante com a leitura dos mais diversos gêneros discursivos. É por meio dessas práticas que o aluno será inserido nas práticas de linguagem que formam o meio social do qual ele faz parte.

Para que tais práticas sejam produtivas, é necessário que os alunos compreendam que os significados se constroem nas relações dialógicas. Diante disso, a leitura não pode ser vista como uma atividade passiva, mas sim, produtiva, fazendo com que o leitor busque as mais diversas significações possíveis do que lhe é apresentado. É importante lembrar que os textos se apresentam na pós-modernidade como multissemióticos ou multimodais, ou seja, eles necessitam de imagem e até mesmo de sons e de movimentos, e para isso, o aluno terá que ser capaz de desenvolver a comunicação multissemiótica, fazendo a leitura de textos escritos e de imagens. Vieira (2007) afirma que

Apenas o texto multissemiótico por sua construção multimodal, consegue sintetizar as expressões de poder presentes na comunicação humana. A parte verbal representa parte específica, não o componente principal. Isso equivale a dizer que o mundo da escrita, paulatinamente, está perdendo espaço para outras formas semióticas de comunicação. (p.12)

A comunicação multissemiótica sempre existiu e esta se opõe à valorização excessiva da língua escrita e oral. O que se percebe, então, é a “imagem como a forma de comunicação mais eloquente da pós-modernidade” (Vieira, 2007, p. 10). Quando falamos de imagem, não se trata de desenhos e figuras com valor apenas ilustrativo, estes foram deixados pra trás, o uso de imagens segue outra direção.

Em se tratando do ensino de Geografia, por exemplo, a imagem não está ali sem desempenhar alguma função, pelo contrário, ela faz parte do processo de ensino-aprendizagem do aluno. Vieira (2007, p. 10) ainda afirma que “Em outros tempos, os livros eram a fonte exclusiva de todo o conhecimento. Hoje disputam espaço com outros recursos tecnológicos e visuais, como os livros eletrônicos e a internet”. No ensino de Geografia, tanto o livro quanto os demais recursos tecnológicos e visuais são de extrema importância para a leitura e a produção de sentido por parte do aluno, uma vez que a linguagem da imagem transmite o significado com maior eficiência e rapidez do que o puramente linguístico. Estudar Geografia apenas com textos escritos pode se tornar cansativo e enfadonho, estudar Geografia com o auxílio de mapas, tabelas e fotos que contextualizem o assunto que está sendo apresentado se torna mais interessante. Como afirma Vieira (2007)

Por essas razões, as práticas de linguagem mudaram radicalmente na nova ordem mundial. É um mundo novo que opera com linguagem globalizada e informatizada. É permitido aos navegadores percorrer auto-estradas digitais e estabelecer interação social com interlocutores distintos e distantes. Mudou tudo, não apenas a linguagem. Enfim, tudo passa a ser compartilhado. Os limites entre o espaço nacional e o transnacional paulatinamente perdem os contornos, superpondo-se ao conceito de nação. (p. 15)

As características do texto multissemiótico acrescentam traços diferenciadores ao discurso, por possuir uma linguagem direta, objetiva e, sobretudo, visual. “Ocorre, então, a composição de um novo discurso no qual a imagem se funde com o verbal e constrói novos sentidos discursivos, denominados no presente artigo de práticas textuais multimodais ou multissemióticas” (Vieira, 2007, p. 15).

Ainda é importante enfatizar a nossa compreensão de discurso como prática social, histórico, intertextual e interdiscursivo. Dessa forma, podemos fazer os mesmos questionamentos feitos por Vieira (2007, p. 18/19), “Como textos e imagens trabalham juntos para construir os novos significados? As imagens são mais eficazes e rápidas na comunicação do que o texto escrito?”. O que está acontecendo é que o aumento de imagens nas práticas de escrita tem aberto espaço para mudanças no discurso e colocado em evidência principalmente a linguagem visual, como pode ser visto em livros didáticos de diversas áreas. Além desses questionamentos, Kress (apud Vieira, 2007), apresenta outros

1. Língua(gem) e imagem desempenham o mesmo papel? Será que elas, de alguma maneira, podem desempenhar a mesma função? 2. Imagem e linguagem mantêm entre si uma relação de mera coexistência ou existe interação entre elas? Se linguagem e imagem não coexistem apenas, mas também interagem, quais são as consequências dessa interação? Se elas têm potenciais diferentes, terão também funções diferentes e tornar-se-ão

especializadas como forma de representação e de comunicação? 3. A modalidade visual é sistemática, governada por regras e, como forma de representação, resulta dos valores culturais em que está inserida? (p.21/22)

A partir dessas questões, podemos perceber que se a língua falada ou escrita não possuem mais lugar de destaque, deve haver outra modalidade ocupando este lugar. Se conseguirmos compreender de modo adequado o discurso não-verbal, veremos que a linguagem imagética seria essa nova modalidade.

2 ANÁLISE DO CORPUS

Levando-se em consideração as diferentes classificações das pesquisas, faz-se necessário definir nossa pesquisa como qualitativa-interpretativista de base histórica, adotando uma perspectiva bakhtiniana do sujeito como histórico, posicionado e social. Este artigo é o recorte de um projeto de pesquisa maior, cuja escolha do corpus levou em conta os livros adotados no Ensino Médio da rede pública de ensino, especificamente em Natal. A partir das múltiplas leituras presentes nos livros didáticos das mais diversas áreas, selecionamos o livro “Geografia geral do Brasil, volume 2: espaço geográfico e globalização: ensino médio”, de autoria de Sene (2010). O livro didático escolhido apresenta uma Assessoria Pedagógica na qual são apresentadas todas as informações que irão auxiliar o professor no preparo das aulas e no uso em sala com os alunos. Na assessoria ganha destaque o papel da Geografia como disciplina escolar, segundo os autores, a disciplina prepara o aluno para a leitura e a compreensão do espaço geográfico, ou seja, o conhecimento geográfico permite aos alunos elaborar uma leitura crítica da prática social na qual estão inseridos.

Observando a obra é possível identificar que, além do texto dissertativo, outras linguagens são utilizadas. É fácil identificar tais linguagens, pois a medida que folheamos o livro didático encontramos fotografias, histórias em quadrinhos, tabelas, mapas, gráficos, imagens aéreas e de satélite. Todos esses elementos são importantes para a análise geográfica, permitindo o desenvolvimento da capacidade de o aluno lidar com os conceitos, categorias e códigos específicos da Geografia. Na assessoria pedagógica vemos que “O conjunto de textos, atividades e exercícios sugeridos oferece condições para a ampliação da capacidade cognitiva dos alunos, por meio de diversos procedimentos, como análise, comparação, explicação, problematização de conteúdos em trabalhos investigativos, debates etc... Além disso, em vários momentos o aluno é convidado a posicionar-se acerca da realidade em que vive” (p. 2.4). A leitura que os alunos fazem dos textos do Livro Didático, permite uma maior compreensão do mundo.

O livro didático analisado é composto por onze capítulos, que apresentam uma grande quantidade de textos verbo-visuais, que permitem ao aluno um contato com diferentes tipos de textos relacionados à Geografia. É a partir desses textos que nós observamos as concepções de leitura presentes no livro didático. Nitidamente percebemos que o livro é repleto de textos e imagens, que proporcionam múltiplas leituras. A primeira unidade do livro, “Mundo

contemporâneo: economia, geopolítica e sociedade” é iniciada com a imagem do Estádio de futebol Soccer City, um marco para a contemporaneidade, uma vez que sediou a abertura e a final da Copa do Mundo de 2010; a imagem mostra um ensino de Geografia preocupado com os fatos sociais. Esta unidade é composta por cinco capítulos:

Capítulo 1 - O processo de desenvolvimento do capitalismo

Capítulo 2 – A globalização

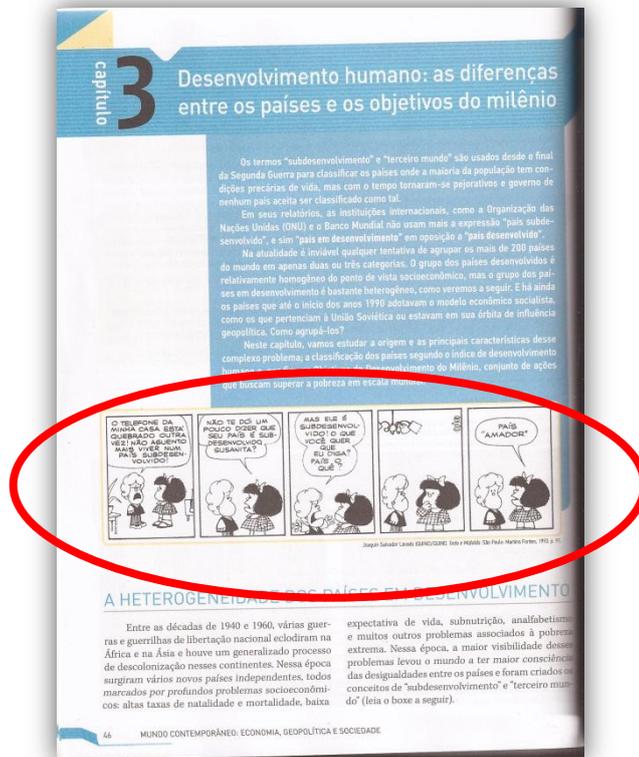
Capítulo 3 – Desenvolvimento humano: as diferenças entre os países e os objetivos do milênio

Capítulo 4 – Ordem geopolítica e econômica: do pós-guerra aos dias de hoje

Capítulo 5 – Conflitos armados no mundo

A organização dos capítulos segue um padrão, no qual, primeiro é apresentado o conteúdo teórico, com textos explicativos, imagens, mapas, infográficos, tabelas, dentre outros recursos que facilitam o aprendizado e atraem a atenção dos alunos. Feita a exposição do conteúdo teórico, o livro traz seções que vão estimular a leitura e a escrita, são elas: “Compreendendo conteúdos”, “Desenvolvendo habilidades”, “Pesquisa na internet” e “Sessão de vídeo”. É nessas seções que o conhecimento do aluno pode ser elaborado, pois elas possibilitam que este passe pelas etapas de observação, análise, interpretação e sistematização do conhecimento que vem sendo adquirido. É nesse processo que o aluno exercita a competência de elaboração própria e tende a sentir-se mais seguro e confiante diante do conhecimento. O livro didático tem papel importante nesse processo, sobretudo quando o professor estabelece com ele uma convivência produtiva, em um constante diálogo com a realidade.

Na abertura do capítulo 3 “Desenvolvimento humano: as diferenças entre os países e os objetivos do milênio” é apresentada uma tirinha da Mafalda, do cartunista Quino. Por meio dela, de forma bem humorada, o aluno é levado a refletir sobre a realidade socioeconômica da Argentina, comum também a outros países. O texto verbo-visual mostra que não é fácil classificar os países e mesmo nomear a complexa realidade socioeconômica mundial que se reflete em cada um deles. É interessante que o aluno consiga ler e refletir acerca do conteúdo proposto, e o processo de ensino-aprendizagem se torna ainda mais interessante quando existe algum elemento que chame a atenção desse aluno, no caso, a tirinha.



O texto verbo-visual apresentado no início deste capítulo e utilizado novamente para o aluno responder algumas questões na seção “Desenvolvendo habilidades” faz parte do grande gênero dos quadrinhos. A incontabilidade de gêneros é algo totalmente perceptível, pois todos os dias surgem novos gêneros e outros deixam de existir, uma vez que a comunicação se dá na interação entre os falantes. Ramos (2012, p. 20) considera que “Quadrinhos seriam, então, um grande rótulo, um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”. O autor ainda afirma que, “As tiras cômicas e outros gêneros dos quadrinhos ligados ao humor podem trazer boas contribuições ao serem aplicados na sala de aula. E podem contribuir também para trabalhar o processo de construção de sentido não só na disciplina de Língua Portuguesa” (2009, p. 187). Foi a partir desse pressuposto de Ramos que desenvolvemos a presente pesquisa, que abrange a leitura e a produção de sentido em livros didáticos de Geografia, e não apenas de Língua Portuguesa.

CONCLUSÃO

Como foi visto em todo este artigo, a comunicação é multissemiótica, uma vez que a imagem e outros elementos assumem posição central. É possível afirmar que as práticas de leitura da pós-modernidade agregam ao texto escrito inúmeros recursos gráficos, cores e, principalmente, imagens, dessa forma, o aluno deverá desenvolver habilidades interpretativas básicas, que são exigidas no mundo contemporâneo. Ainda embasados em Viera (2007), aprendemos que

Atualmente, as habilidades textuais devem acompanhar os avanços tecnológicos, e a qualidade mais valorizada nos sujeitos do letramento é a capacidade de mover-se rapidamente entre diferentes letramentos. Por essa razão, as práticas textuais compõem-se de diferentes linguagens semióticas,

que podem abrigar a fala e a escrita, a comunicação visual e sonora, além de utilizarem os recursos computacionais e tecnológicos, cujo desempenho dos autores deve ser competente tanto na produção como na interpretação de textos de diferentes gêneros discursivos. (p. 24)

No livro didático analisado, a Geografia é considerada uma disciplina aberta ao diálogo e à prática interdisciplinar, sobretudo pelo caráter abrangente de seus estudos, que contemplam a sociedade e a natureza e suas relações, e pela clareza da necessidade de colaboração das diferentes disciplinas para a compreensão da complexidade do mundo.

Este trabalho é relevante por estar atrelado à vida social, por levar em consideração situações reais de uso da língua em diversas áreas do conhecimento, não apenas no ensino da Língua Portuguesa. O pesquisador busca investigar as implicações do conhecimento para a vida social, produzindo conhecimentos que sejam responsivos à vida com todas as suas problemáticas, e é assim que se dá o ensino de Geografia. Por fim, acreditamos que a prática discursiva estando presente nos livros didáticos gera conflitos, precisa ser investigada, problematizada, principalmente porque tem implicações no mundo da vida.

REFERÊNCIAS

BUNZEN, Clecio. **Construção de um objeto de investigação complexo:** o livro didático de língua portuguesa. Disponível em: < <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/construcao-de-um-objeto-1329.pdf> >. Acesso em 16 set. 2014.

BUNZEN, Clecio. **O Livro Didático de Português como Gênero do Discurso:** Implicações Teóricas e Metodológicas. Disponível em: < http://www.letramento.iel.unicamp.br/portal/wp-content/uploads/2009/07/artigo_clecio.pdf >. Acesso em 16 set. 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo:** as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação.** São Paulo: Contexto, 2009.

SENE, Eustáquio de. **Geografia geral do Brasil:** volume 2: espaço geográfico e globalização: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2010.

VIEIRA, J; et al. **Reflexões sobre a Língua Portuguesa:** uma abordagem multimodal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.